

# FALHAS FATAIS MINAM A BASE INDUSTRIAL DE DEFESA AMERICANA

Por Brian Berletic\*



Vista aérea do Pentágono (Mario Duran Ortiz/Wikimedia Commons/CC BY-SA 2.0).

*Parece óbvio que a indústria de defesa sirva à segurança nacional, mas no Ocidente, como qualquer outra indústria, ela existe apenas para maximizar lucros, gerando distorções que se tornaram evidentes no conflito na Ucrânia.*

A primeira [Estratégia Industrial de Defesa Nacional](#) (NDIS) do Departamento de Defesa dos EUA confirma o que muitos analistas concluíram relativamente à natureza insustentável dos objetivos globais da política externa de Washington e à incapacidade da sua base industrial de defesa (BID) para alcançá-los.

O relatório expõe uma série de problemas que assolam a BID dos EUA, incluindo a falta de capacidade de resposta rápida, mão-de-obra inadequada, fornecedores *off-shore*, bem como “sinais de procura” insuficientes para motivar os parceiros da indústria privada a produzirem o que é necessário, nas quantidades necessárias, quando for necessário.

Na verdade, a maioria dos problemas identificados pelo relatório envolviam a indústria privada e sua relutância em cumprir os requisitos de segurança nacional porque não eram rentáveis.

Por exemplo, o relatório tenta explicar por que muitas empresas da BID dos EUA carecem de capacidades avançadas de produção, alegando:

*“Muitos elementos da BID tradicional ainda não adotaram tecnologias de produção avançadas, pois se esforçam para desenvolver casos de negócios para o investimento de capital necessário.”*

Por outras palavras, embora a adoção de tecnologias de produção avançadas cumprisse o objetivo do Departamento de Defesa dos EUA, não é lucrativo para a indústria privada fazê-lo.

Apesar de praticamente todos os problemas que o relatório identifica decorrentes da influência desproporcional da indústria privada sobre a BID americana, o relatório nunca identifica a própria indústria privada como um problema.

Se a indústria privada e sua priorização dos lucros são o problema central que inibe a BID de cumprir seu propósito, a solução óbvia é nacionalizar a BID, substituindo a indústria privada por empresas estatais. Isso permite que o governo priorize o propósito em detrimento dos lucros. No entanto, nos Estados Unidos e em toda a Europa, o chamado “complexo industrial militar” cresceu a tais proporções que já não está subordinado ao governo e aos interesses nacionais, mas, ao contrário, o governo e os interesses nacionais estão subordinados a ele.

## **ESTRATÉGIA INDUSTRIAL DE DEFESA DOS EUA FOI CONSTRUÍDA SOBRE UMA PREMISSE FALHA**

Para além do domínio da indústria privada sobre a BID dos EUA, a própria premissa sobre a qual o NDIS se baseia é fundamentalmente falha, profundamente enraizada na priorização orientada para o lucro da indústria privada.

O relatório afirma:

*“O objetivo desta Estratégia Industrial de Defesa Nacional é impulsionar o desenvolvimento de um ecossistema industrial que proporcione vantagem competitiva sustentada aos Estados Unidos sobre seus adversários.”*

A noção de que os Estados Unidos expandem perpetuamente sua riqueza e poder por todo o mundo, sem rival pelos seus chamados “adversários”, é irrealista.

A China sozinha tem uma população quatro a cinco vezes maior que a dos EUA. A população da China é, de fato, maior do que a do G7 combinado. A China tem uma base industrial, economia e sistema educacional maiores do que os EUA. O sistema educativo da China não só produz milhões de diplomados a mais todos os anos em áreas essenciais como ciência, tecnologia e engenharia do que os EUA, como a proporção desses diplomados é mais elevada na China do que nos EUA.

A China sozinha possui os meios para manter uma vantagem competitiva sobre os Estados Unidos agora e no futuro próximo. Os EUA, ao tentarem traçar uma estratégia para manter vantagem sobre a China (para não falar sobre o resto do mundo), independentemente destas realidades, beiram a ilusão.

No entanto, em 60 páginas, os decisores políticos dos EUA tentam definir uma estratégia para fazer exatamente isso.

## NÃO APENAS A CHINA, MAS TAMBÉM A RÚSSIA

Embora a China seja repetidamente mencionada como o “desafio de ritmo” dos Estados Unidos, o conflito em curso na Ucrânia é talvez o exemplo mais agudo de uma mudança no equilíbrio do poder global.

Apesar de uma população, PIB e orçamento militar combinados muitas vezes superiores aos da Rússia, o Ocidente coletivo é incapaz de igualar a produção russa, mesmo de munições relativamente simples, como projéteis de artilharia, e muito menos de sistemas mais complexos, como tanques, aeronaves e mísseis guiados de precisão.

Embora os EUA e seus aliados pareçam ter todas as vantagens concebíveis sobre a Rússia no papel, o Ocidente coletivo organizou-se como uma sociedade orientada para o lucro e não para fins específicos.

Na Rússia, a indústria de defesa existe para servir a segurança nacional. Embora se possa acreditar que isto é óbvio, em todo o Ocidente coletivo a indústria de defesa, como todas as outras indústrias no Ocidente, existe apenas para maximizar os lucros.

Para melhor servir a segurança nacional, a indústria de defesa é obrigada a manter uma capacidade substancial de aumento de produção – o que significa espaço fabril adicional e não utilizado, máquinas e mão-de-obra de prontidão se e quando forem necessários grandes aumentos de produção em períodos de tempo relativamente curtos. Em todo o Ocidente, a fim de maximizar os lucros, a capacidade de expansão foi cruelmente reduzida, considerada economicamente ineficiente. Existem apenas raras exceções, como a produção de projéteis de artilharia de 155 mm nos EUA.

Embora a indústria de defesa ocidental continue a ser a mais lucrativa do planeta, a sua capacidade de produzir armas e munições nas quantidades e qualidade necessárias para conflitos em grande escala está claramente comprometida pela maximização dos lucros.

O resultado é evidente hoje, enquanto o Ocidente luta para expandir a produção de armas e munições para seus representantes ucranianos.

O relatório NDIS observaria:

*“Antes da invasão, a aquisição de armas para alguns dos sistemas solicitados era motivada por requisitos anuais de formação e operações de combate contínuas. Esta procura modesta, juntamente com a recente dinâmica do mercado, levou as empresas a reduzirem investimentos no excesso de capacidade devido aos custos. Isto significou que qualquer aumento dos requisitos de produção exigiria um aumento nas horas de trabalho nas instalações existentes – normalmente referida como capacidade de “pico”. Estas, por sua vez, foram ainda mais limitadas por considerações semelhantes na esteira de limitações da força de trabalho, das instalações e da cadeia de abastecimento.”*

Os custos são certamente uma consideração em qualquer indústria de defesa, mas não podem ser a consideração principal.

Um elemento central da indústria de defesa da Rússia é a Rostec, uma enorme empresa estatal sob a qual estão organizadas centenas de empresas relacionadas com as necessidades industriais nacionais, incluindo a defesa. A Rostec é rentável. No entanto, as empresas industriais organizadas sob a Rostec servem, em primeiro lugar e acima de tudo, a objetivos relacionados aos interesses nacionais da Rússia, sejam eles a saúde, a infraestrutura ou a segurança nacionais.

Como a indústria de defesa da Rússia é orientada para um propósito, produziu equipamento militar porque era necessário e não porque fosse lucrativo. Como resultado, a Rússia possuía enormes estoques de munições e equipamentos antes da Operação Militar Especial (SMO) em fevereiro de 2022. Além disso, a Rússia manteve grandes quantidades de capacidade de aumento, permitindo a expansão das taxas de produção de tudo, de projéteis de artilharia a veículos blindados, rapidamente nos últimos dois anos.

Só há relativamente pouco tempo os analistas ocidentais reconheceram isto.

O *The New York Times*, em seu artigo de setembro de 2023, [\*Russia Overcomes Sanctions to Expand Missile Production, Officials Say\*](#), admite que a produção de armas russas não só de mísseis, mas também de veículos blindados e projéteis de artilharia, excedeu os níveis anteriores à guerra. O artigo estima que a Rússia produz pelo menos sete vezes mais munições do que os EUA e seus aliados ocidentais juntos.

Apesar disso, os analistas ocidentais afirmam agora que a produção russa irá “estagnar” à medida que os limites da capacidade de expansão forem atingidos e forem necessárias novas instalações e fontes de matérias-primas.

O Royal United Services Institute (RUSI), em um artigo de fevereiro de 2024 intitulado [\*Russian Military Objectives and Capacity in Ukraine Through 2024\*](#), a respeito da produção de munição, afirmaria:

*“...o Ministério da Defesa russo não acredita que possa aumentar significativamente a produção nos anos seguintes, a menos que sejam criadas novas fábricas e que se invista na extração de matérias-primas com um prazo de entrega superior a cinco anos.”*

Mas como a base industrial da Rússia é orientada para um propósito e não para o lucro, já estão sendo construídas instalações adicionais, apesar da ineficiência econômica a longo prazo de fazê-lo.

A *Radio Free Europe/Radio Liberty*, financiada pelo governo dos EUA, em um artigo de novembro de 2023 intitulado [\*Satellite Images Suggest Russia Is Ramping Up Production Capacity For Its War Against Ukraine\*](#), relatou que a Rússia não apenas estava expandindo a produção nas instalações existentes, mas também desenvolvendo novas fábricas que produzem aviões de guerra, helicópteros de combate, drones militares e munições guiadas.



## AS “SOLUÇÕES” DOS EUA FICAM MUITO AQUÉM

O NDIS de 2023 cita a expansão da produção de projéteis de artilharia de 155 mm como uma demonstração da capacidade da BID dos EUA de “escalar rapidamente”.

O relatório afirma:

*“Em resposta, o DoD investiu na expansão das instalações de produção existentes em Scranton, Pensilvânia, e inaugurou uma nova unidade de produção em Mesquite, Texas, para responder à sinalização de maior procura. Além desses investimentos feitos em dezembro de 2022, o Exército dos EUA celebrou contratos no valor de US\$ 1,5 bilhão em setembro de 2023 para cumprir sua meta de entregar mais de 80.000 projéteis por mês até o final do exercício financeiro de 2025.”*

No entanto, isto só foi possível porque o Exército dos EUA possui instalações que produzem projéteis de artilharia. O aumento das taxas de produção de projéteis foi possível através da capacidade existente deliberadamente criada pelo Exército dos EUA anos antes do início do SMO russo. Esta previsão no planejamento, infelizmente para os Estados Unidos, é uma rara exceção à regra e não pode ser aplicada ao resto da produção de armas dos EUA e da Europa.

As políticas ocidentais orientadas para o lucro criaram problemas para a BID dos EUA bem nas etapas finais das linhas de produção de armas e munições. Isto inclui as décadas de produção *off-shore* dos EUA para maximizar os lucros, tirando partido de mão-de-obra mais barata no estrangeiro. Muitas matérias-primas e componentes utilizados hoje em toda a BID dos EUA vêm do exterior, inclusive de nações “adversárias”.

O relatório NDIS lamentou:

*“Ao longo da última década, o DoD tem lutado para restringir o abastecimento adversário e polir a integridade das cadeias de abastecimento de defesa. Apesar destes esforços, a dependência de fontes de abastecimento adversárias aumentou. O DoD continua a carecer de um esforço abrangente para mitigar o risco da cadeia de abastecimento.”*

As políticas orientadas ao lucro também prejudicaram a força de trabalho. Décadas de produção *off-shore* nos EUA levaram a América a fazer a transição para uma economia baseada principalmente em serviços. Isto se refletiu também na educação, onde as competências profissionais não só foram negligenciadas, como também estigmatizadas.

O relatório NDIS explicaria que:

*“O mercado de trabalho carece do número necessário de trabalhadores qualificados para satisfazer a procura da produção de defesa e, ao mesmo tempo, impulsionar a inovação a todos os níveis. Este déficit está se agravando à medida que os baby boomers se aposentam e as gerações mais jovens mostram menos interesse nas carreiras de produção e engenharia.”*

Para além deste problema, as políticas orientadas para o lucro tornaram a educação nos Estados Unidos inacessível. O desejo de lucrar com a oferta de educação usurpou o propósito real de oferecer educação em primeiro lugar – a criação dos recursos humanos necessários para gerir uma sociedade próspera e funcional. Diplomas e cursos de treinamento nos Estados Unidos exigem empréstimos que podem levar a vida inteira para serem pagos.

A falta de interesse em mão de obra qualificada e a inacessibilidade da educação nos EUA resultaram em uma força de trabalho distorcida em relação ao resto do mundo. O número de licenciados em STEM (Science, Technology, Engineering, Mathematics; em português, Ciências, Tecnologia, Engenharia e Matemática) nos EUA, por exemplo, é comparável ao da Rússia, apesar de a Rússia ter menos de metade da população total dos EUA. Em 2016, havia 568 mil graduados em STEM nos EUA, contra 561 mil na Rússia, segundo a [Forbes](#). A China produziu mais de 4,7 milhões de graduados naquele mesmo ano.

Os fundamentos econômicos dos EUA criaram no seu conjunto uma sociedade distorcida e uma BID correspondentemente distorcida que está lutando para se igualar aos de nações menores em termos de população e PIB. Mas mesmo que os EUA consigam resolver estes problemas fundamentais, permanece o fato de que a China por si só, sem falar da aliança BRICS da qual faz parte, tem fundamentos sólidos e simplesmente possui população, economia e base industrial maiores.

A premissa em que se baseia a política externa dos EUA não é realista. Os fundamentos do poder econômico dos EUA são fatalmente falhos.

A própria noção de que os EUA mantêm uma vantagem competitiva sobre o resto do mundo só é realista se o resto do mundo estiver sofrendo de uma instabilidade interna e/ou regional significativa.

É precisamente por isso que os Estados Unidos investiram tão fortemente ao longo de décadas em interferência política, captura política e até em conflitos regionais em todo o mundo. No entanto, a disparidade entre os EUA e o resto do mundo em termos de poder econômico, industrial e militar pode estar diminuindo mais rapidamente do que Washington consegue impor a sua “ordem internacional”.

A reemergente Rússia sozinha ultrapassou os EUA em termos de produção industrial militar. A China está ultrapassando os Estados Unidos em uma variedade muito maior de métricas. Enquanto os EUA prosseguirem políticas insustentáveis baseadas em uma premissa irrealista, não só serão ultrapassados por um número crescente de nações, como também se encontrarão isolados e instáveis.

A diferença entre as nações que os EUA chamam de “adversárias” e eles próprios, é a diferença entre um agricultor que cultiva sua terra de forma sustentável e perseverante, e um predador que consome inconscientemente tudo em seu caminho até que não haja mais nada para consumir, comprometendo assim a sua própria autopreservação.

Em algum momento entre agora e o futuro, círculos de interesses mais racionais poderão substituir aqueles que atualmente conduzem as políticas econômica e externa dos EUA, e transformar o país em uma nação que busca um poder proporcional a seus meios e investe no trabalho conjunto com outras nações do mundo, ao invés de tentar impor-se sobre elas.

Publicado no [New Western Outlook](#).

---

*\*Brian Berletic é pesquisador de temas geopolíticos baseado em Bangkok, e escreve regularmente sobre o assunto especialmente para a revista online "New Eastern Outlook".*

---